



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

MILENA LUMINI

Sob o mesmo Teto

*A construção de casas de madeira por
jovens voluntários nas favelas brasileiras*

RELATÓRIO FINAL
do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
disciplina de *Projetos Experimentais*
Orientadora: Prof^ª Gislene Silva

**Florianópolis
Dezembro de 2013**

	FICHA DO TCC Trabalho de Conclusão de Curso – JORNALISMO UFSC		
ANO	2013.2		
ALUNO	Milena Lumini		
TÍTULO	Sob o mesmo Teto – a construção de casas de madeira por jovens voluntários nas favelas brasileiras		
ORIENTADOR	Gislene Silva		
MÍDIA	<input checked="" type="checkbox"/>	Impresso	
	<input type="checkbox"/>	Rádio	
	<input type="checkbox"/>	TV/Vídeo	
	<input type="checkbox"/>	Foto	
	<input type="checkbox"/>	Web site	
	<input type="checkbox"/>	Multimídia	
CATEGORIA	<input type="checkbox"/>	Pesquisa Científica	
	<input type="checkbox"/>	Produto Comunicacional	
	<input type="checkbox"/>	Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
	<input type="checkbox"/>	Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração:
	<input checked="" type="checkbox"/>	Reportagem Livro-reportagem ()	() Florianópolis (x) Brasil () Santa Catarina () Internacional () Região Sul País: _____
ÁREAS	Sociedade. Trabalho voluntário. Favelas. ONG. Jovens		

RESUMO

A grande reportagem em texto apresenta o trabalho da ONG Teto, que recruta jovens universitários de 18 a 30 anos para construir casas de emergência nas favelas do estado de São Paulo. O objetivo da entidade é evitar o avanço da pobreza e despertar a consciência social e política nos jovens. Para conhecer o trabalho da organização e saber os alcances e limites de sua atuação, a reportagem acompanha a implantação do projeto em uma comunidade em Paulínia e revisita famílias auxiliadas há mais de dois anos em Guarulhos. Com isso, pretende-se contar sobre a vida na favela, mostrar o trabalho da ONG e quais as mudanças que esta ação provoca na vida dos envolvidos – moradores beneficiados e jovens voluntários.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	5
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO.....	5
1.2 JUSTIFICATIVA.....	13
2. PROCESSO DE PRODUÇÃO	13
2.1 APURAÇÃO.....	14
2.2 ESTRUTURAÇÃO DA REPORTAGEM.....	22
2.3 REDAÇÃO E EDIÇÃO.....	24
3. APRENDIZADO	27
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30

1. APRESENTAÇÃO

A grande reportagem em texto para revista apresenta o trabalho da ONG Teto, que recruta jovens universitários de 18 a 30 anos para construir casas de emergência nas favelas do estado de São Paulo. O objetivo da entidade é evitar o avanço da pobreza e despertar a consciência social e política nos jovens. Para conhecer o trabalho da organização e saber os alcances e limites de sua atuação, a reportagem acompanha a implantação do projeto em uma comunidade em Paulínia e revisita famílias auxiliadas há mais de dois anos em Guarulhos. Com isso, pretende-se contar sobre a vida na favela, mostrar o trabalho da ONG e quais as mudanças que esta ação provoca na vida dos envolvidos – moradores beneficiados e jovens voluntários.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Desde 2006 atua no Brasil a organização não governamental, e internacional, Teto, que tem como objetivo maior evitar o avanço da pobreza e fazer com que ela diminua rapidamente. Para isso, a instituição trabalha em comunidades precárias construindo casas de emergência e, posteriormente, aplicando planos de apoio nas áreas de educação, saúde e trabalho.

A construção dos abrigos de emergência é uma estratégia inicial para dar visibilidade à causa da ONG e retirar os moradores de favelas da condição de vulnerabilidade. Para realizar as construções, o Teto, como é chamado pelos voluntários, faz campanhas em faculdades e universidades onde recruta jovens de 18 a 30 anos que desejem trabalhar voluntariamente no projeto.

A mobilização dos jovens é parte de um segundo objetivo da ONG que é desenvolver a consciência social e política. Espera-se que o jovem envolvido no projeto adote uma atitude de denúncia, investigação e conhecimento do sistema político e social do país e por fim fortaleça a democracia e a participação cidadã voltada aos direitos humanos.

No Brasil, a questão da pobreza e da moradia irregular atinge milhões de cidadãos. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) identificou por meio do Censo que, em 2010, 11,4 milhões de pessoas ou 6% da população do país morava em aglomerados subnormais. Esta é a definição do IBGE para conjuntos de "no mínimo 51 unidades habitacionais carentes, em sua maioria, de serviços públicos essenciais, ocupando ou tendo ocupado, até período recente terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e estando dispostas, em geral, de forma desordenada e densa". (IBGE, 2011, p.27) A definição corresponde ao que o Teto identifica em seu site

como comunidades precárias: "um grupo de 8 ou mais famílias que vivem em um terreno que possui uma situação irregular em termos legais e que carece de pelo menos um serviço básico, como eletricidade, água e esgoto".

Ainda de acordo com o Censo, há três anos o Brasil tinha um total de 6329 aglomerados subnormais em 323 municípios. A maioria deles estão localizados no Sudeste (49%) e no Nordeste (28%), seguidos pela região Norte (14%), Sul (5%) e Centro Oeste (1%). (IBGE, 2011, p.38)

A formação das favelas está associada ao processo de urbanização e migração populacional aos centros metropolitanos que marca o século XX. (PEQUENO, 2008, p. 9). Essas áreas, que podem variar em tamanho e localização, abrigam pessoas que não foram inseridas no ciclo de produção de riqueza da cidade e por isso não têm condições de pagar uma moradia em propriedade regularizada. Nos aglomerados subnormais, a maioria das pessoas (34%) ganha de meio a um salário mínimo e 18,5% tem renda de até um quarto de salário mínimo (equivalente a R\$169,50 mensais ou R\$188,75 no estado de São Paulo). (IBGE, 2011, p. 38).

Segundo Pequeno (2008, p.10), os assentamentos subnormais passaram a se constituir em incômodos urbanos pois impediam a expansão do sistema viário e eram vistos como agentes de degradação ambiental decorrente da falta de saneamento e como antros de marginais. A favela torna-se,

assim, o "lôcus da exclusão social". Por conta disso, os governos tentam combater a favelização por meio da realocação dos moradores a conjuntos habitacionais.

Longe de serem consideradas políticas públicas habitacionais de interesse social, as ações dos governos ante o processo de favelização foram marcadas pelo princípio da remoção seletiva, dando-se preferência para aquelas que ocupavam territórios privados, que viriam a ser alvo de futuros investimentos, assim como outras, marginais às vias arteriais estruturantes do crescimento das cidades. Por vezes, o discurso sanitário e de combate ao risco ambiental foi utilizado, no sentido de promover remoções em larga escala. Nesta fase, as práticas de remoção associadas ao reassentamento em conjuntos distantes, fındavam por promover a periferização da favela, visto que a infraestrutura nem sempre chegava e a propriedade do imóvel nem sempre se concretizava. (PEQUENO, 2008, p.10)

Posteriormente, este modelo foi substituído pela urbanização das áreas de ocupação irregular, de modo a reduzir os custos das obras de reassentamento e visando garantir aos moradores das áreas urbanizadas o acesso à cidade (PEQUENO, 2008, p.10). Outra razão é o esgotamento do território disponível para a construção de novos conjuntos habitacionais.

É nesse contexto que se inserem as atividades do Teto. A organização mobiliza a sociedade civil a fim de oferecer soluções, ainda que paliativas, a um problema urgente e que o Estado não tem dado conta de resolver suficientemente.

Para atingir essa finalidade, o processo de intervenção nas comunidades ocorre em três etapas. A primeira envolve o processo de seleção das famílias e solução das necessidades emergenciais. Para chegar às comunidades, os voluntários do Teto recolhem sugestões e indicações nas prefeituras de áreas com ocupação irregular e que não possuem acesso regular a pelo menos um serviço básico como esgoto, água e eletricidade. Fazem então uma visita à comunidade e apresentam a proposta do Teto aos moradores. Com os interessados em participar da iniciativa, é realizado um questionário socioeconômico que leva em consideração a renda, tamanho da família, composição, condições de saúde, acesso a redes sociais e a situação da moradia atual. A partir da enquete, são selecionadas as famílias com necessidades mais urgentes para a construção da casa. Esse também é o momento de incentivar a liderança de pessoas da comunidade que promovam a organização, participação e corresponsabilidade do grupo atendido durante a implantação das outras etapas do projeto.

Em seguida, inicia-se o processo de construção das casas de emergência. O abrigo oferecido pelo Teto é um módulo pré-fabricado de 18 metros quadrados feito de madeira e com telhas de aço galvanizado. Cada casa custa em média R\$4.500,00 e tem durabilidade de 5 anos. A construção é feita em um fim de semana com a participação de 8 a 10 pessoas,

entre voluntários e a família atendida, que deve participar durante todo o processo e pagar R\$150,00. A equipe é comandada por dois líderes, voluntários capacitados na construção. Para participar, os jovens contribuem com R\$25,00 por casa. Durante o trabalho, dormem em escolas públicas próximas ao local da construção.

Com esses abrigos, pretende-se tirar a família da condição de vulnerabilidade emergencial que a impede de buscar sozinha as soluções para seus problemas, além de gerar vínculos de confiança entre os voluntários e a comunidade. Este relacionamento é importante para fortalecer o grupo e permitir as outras fases de desenvolvimento da comunidade.

Na segunda etapa do projeto, desenvolvida a longo prazo, são feitas reuniões semanais, chamadas de Mesas de Trabalho, em que líderes comunitários e os voluntários discutem e geram estratégias para solucionar as necessidades prioritárias do grupo. A partir dessas ideias, o Teto implementa alguns planos de apoio. Na área de educação, realiza programas de nivelamento escolar para crianças e jovens e planos de alfabetização para adultos. Também capacita os moradores da comunidade em diversos ofícios e ferramentas que aumentam sua produtividade e as possibilidades de geração de renda. A ONG também contribui com o desenvolvimento de empreendimentos por meio de microcrédito e capacitação para formar novos negócios. Na

área da saúde, busca ensinar às famílias um estilo de vida mais saudável e a prevenção de doenças. No Brasil, essa fase do projeto começou a ser implantada somente em maio deste ano.

Na terceira etapa da intervenção, o Teto busca fazer com que a comunidade se torne sustentável. Ou seja, trabalham pela consolidação de identidade, autogestão, organização e participação social da comunidade. Também estabelecem um relacionamento formal com redes de educação, moradia, instituições de crédito e poder público a fim de que os moradores tenham condições de exigir seus direitos sem a necessidade de mediadores.

A organização Teto surgiu no Chile em 1997 sob o nome de "Un techo para mi país" a partir da iniciativa de um grupo de jovens universitários e do sacerdote jesuíta Felipe Berríos de denunciar a pobreza extrema em que vivem milhares de pessoas. Em 2001, com o apoio do Fundo Multilateral de Investimentos (FUMIN) do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), iniciou sua expansão para outros países da América Latina.

Em 2012, em decorrência das mudanças que a instituição passou desde a fundação até sua consolidação, Um Teto Para Meu País passou por uma reformulação de imagem que mudou seu nome para Teto, ou Techo, nos países de língua hispânica. Atualmente, atua em 19 países: Chile, Brasil, El Salvador, Peru, Argentina, Bolívia, Colômbia, Costa Rica,

Equador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, República Dominicana, Uruguai e Venezuela. Ao todo, contabiliza 85 mil famílias de comunidades precárias ajudadas, 500 mil voluntários mobilizados e 3.310 moradias definitivas entregue nos seus 15 anos de atuação.

Considerando os aspectos apresentados sobre o trabalho da ONG, esta reportagem se propôs a identificar qual a mudança que a atividade do Teto provoca na vida dos envolvidos – comunidade e voluntários – e se ela alcança os objetivos de diminuir a pobreza e despertar da consciência social e política.

Para isso, foram revisitadas duas comunidades onde o projeto foi implementado há mais de dois anos, Projecta e Anita Garibaldi, ambas em Guarulhos. Visando saber como se desenvolve o trabalho da organização, acompanhou-se a construção das casas em uma favela da cidade de Paulínia, interior de São Paulo, durante as atividades de inverno. A partir de entrevistas com voluntários e ex-voluntários da ONG, buscou-se observar qual a importância que este trabalho teve na sua formação pessoal e profissional.

1.2 JUSTIFICATIVA

O compromisso do jornalista com a sociedade faz com que seja seu dever tratar das questões sociais urgentes no país, como a habitação e a desigualdade social. Os dados sobre a população em aglomerados subnormais do IBGE demonstram que a moradia em condições precárias no Brasil é um problema complexo, que acontece há anos e atinge milhões de cidadãos, principalmente os de menor renda.

É igualmente relevante que o jornalista aborde as tentativas de solucionar ou amenizar esses problemas. Ainda que o Teto não resolva permanentemente a situação da moradia nas favelas, ela auxilia nas dificuldades emergenciais na tentativa de prover oportunidades à saída dessa condição de vulnerabilidade. Esta reportagem justifica-se por ser de grande pertinência nesses dois aspectos: a evidência de um problema social e a busca por sua solução.

2. PROCESSO DE PRODUÇÃO

O processo de produção da grande reportagem "Sob o mesmo Teto" durou quatro meses. Este período abrange desde o início da apuração, na última semana de julho, até a revisão do produto diagramado, na última semana de novembro. As

etapas do processo podem ser divididas em apuração, estruturação da reportagem, redação e edição.

2.1. APURAÇÃO

Para realizar esta reportagem, planejei entrevistar fontes que pudessem me falar tanto sobre como funciona o trabalho da ONG como qual o impacto da sua ação na vida delas. Por isso, procurei os diretores do Teto, voluntários, ex-voluntários e os moradores das comunidades atendidas. Para contextualizar o tema, me apoiei em dados oficiais sobre habitação e pobreza no Brasil.

Como estratégia de apuração, decidi que seria mais interessante participar de uma construção do Teto como voluntária antes de entrevistar as fontes. Isso me permitiria vivenciar a atividade como outros jovens que participam da construção pela primeira vez.

A ONG realiza construções mensais, de modo que a atividade mais próxima após a finalização do projeto de TCC aconteceria na última semana de julho. Ela seria, porém, um pouco diferente das construções usuais. Em vez de durar apenas um fim de semana, seriam nove dias de trabalho e cada voluntário construiria três casas. Ao inscrever-se, o voluntário poderia escolher como ponto de encontro para a saída às comunidades a cidade de São Paulo ou Campinas. Por ter moradia em Campinas, para mim seria mais fácil sair

desta cidade do que da capital. O que a ONG não informava, contudo, era que todos os voluntários inscritos para sair de Campinas iriam trabalhar no Assentamento Menezes, uma comunidade rural em Paulínia. A princípio, vivenciar a atividade da ONG em uma cidade do interior destoava um pouco do propósito inicial do projeto, que era conhecer a situação de moradia nas favelas urbanas de São Paulo. Por esse motivo, tive de avaliar, posteriormente, qual a validade daquela experiência para a reportagem.

Durante a construção, fazia anotações diárias sobre o que acontecia em cada dia ressaltando alguns pontos que me chamavam a atenção e que poderiam ser usados na reportagem futuramente. Por exemplo, informações sobre os moradores e suas histórias, o processo de trabalho ONG e as funções dos voluntários fixos. Levei uma câmera digital compacta para fazer algumas imagens que depois me ajudariam a descrever o local, as pessoas e as casas. Também levei um gravador para entrevistar algum voluntário ou morador. Expliquei aos voluntários presentes e à organização daquela atividade que a minha intenção era fazer uma reportagem sobre a atuação da ONG nas favelas. No entanto, neste momento, não fiz nenhuma entrevista. A construção exigia o trabalho de todos os presentes e senti que interrompê-lo para fazer uma entrevista tiraria e espontaneidade do processo. Se, por um lado, isso me

permitiu vivenciar e sentir a construção, por outro, tive que voltar à comunidade para fazer entrevistas com os moradores depois de algumas semanas.

Após a construção, comecei a entrar em contato com as outras fontes previstas no projeto. Como já conhecia, de modo geral, o trabalho do Teto, optei por conversar com ex-voluntários que haviam trabalhado na diretoria da organização e posteriormente deixado de participar por discordar de algumas formas de atuação. A partir dessas entrevistas, poderia comparar as informações com a experiência que eu tive e confrontá-las ou esclarecê-las com os diretores da ONG. A minha principal fonte, neste momento, foi Thais Grotti, arquiteta que participou das primeiras construções realizadas pela ONG no Brasil e trabalhou como diretora até 2009. Além de fazer algumas críticas ao projeto, ela me indicou como fontes outros ex-voluntários e os chilenos que trouxeram a ONG para o Brasil em 2006. Ela também me acompanhou na visita à comunidade Anita Garibaldi, em Guarulhos, onde o Teto trabalhou entre 2009 e 2010 e só retornou no início deste ano para verificar a qualidade das casas. Lá, entrevistei dois moradores que me falaram sobre a construção, a casa e a vida deles antes e depois da intervenção da ONG.

Para entrevistar os voluntários, me desloquei algumas vezes de Campinas a São Paulo. Agendava as entrevistas em

dias próximos para fazer apenas uma viagem. Ao retornar a Campinas, revia as informações, transcrevia algumas entrevistas e agendava outras. Em São Paulo, também acompanhei os voluntários em duas atividades: a Coleta, evento em que eles se espalham pelas ruas da cidade para divulgar o trabalho da ONG e arrecadar dinheiro, e as mesas de trabalho realizadas na Vila Nova Esperança, comunidade localizada na divisa entre São Paulo e Taboão da Serra.

A Vila Nova Esperança é a primeira comunidade onde se começou a implantar a segunda fase do projeto do Teto, chamada habilitação social. Visitei o local duas vezes com a intenção de entrevistar a líder comunitária e alguns moradores e para fotografar as mesas de trabalho, que são as reuniões entre moradores e voluntários da ONG nas quais buscam-se estratégias para melhorar a vida no local. Na primeira visita, fiz as entrevistas, mas a reunião não aconteceu, de modo que retornei em outra ocasião para fotografar e acompanhar as discussões.

Enquanto estava em Campinas, também aproveitava para entrevistar estudantes que participavam da ONG ou que haviam trabalhado nas construções mas que não quiseram continuar voluntariando. Como a cidade é próxima de Paulínia, retornei ao Assentamento Menezes, para entrevistar os moradores. Fiz duas viagens na companhia de alguns voluntários que haviam participado dos Trabalhos de Inverno

e que me indicaram o caminho até a comunidade. O tempo para fazer as entrevistas era curto, apenas uma tarde, pois tínhamos que sair da comunidade antes de escurecer. Eu havia me planejado para entrevistar duas famílias que conheci durante a construção. Porém, ao chegar lá, elas não puderam me atender e eu tive de entrevistar outros moradores. O motivo de eu querer entrevistar aquelas duas famílias específicas era o fato de eu ter ajudado na construção da casa delas. Por essa razão, havia observado-as bastante nos dias em que estive na comunidade. A mudança de personagens fez com que eu precisasse perguntar mais a eles sobre como foi o processo, suas impressões, o que sentiram. Acredito, contudo, que essa mudança não acarretou problemas para a reportagem.

Como o objetivo da matéria era apresentar o trabalho da organização e saber quais os alcances e limites de sua atuação, procurei arquitetos e sociólogos que pudessem avaliar o trabalho da ONG tanto no sentido habitacional como no impacto daquela ação para superar a condição de pobreza. Entrei em contato com vários profissionais, mas a maioria não conhecia o trabalho da ONG para poder falar a respeito. Encontrei, por fim, um arquiteto e uma socióloga que souberam avaliar um pouco o projeto, ainda que não o conhecessem a fundo. Concluí que os ex-voluntários

poderiam apontar melhor os erros e acertos da atuação da Teto.

O processo de apuração durou um mês e meio. Planejei o retorno a Florianópolis para o início de outubro para poder ter reuniões presenciais com a orientadora enquanto escrevia a reportagem. Antes de voltar, porém, quis participar de uma construção realizada durante um fim de semana nas favelas da região metropolitana de São Paulo. As fontes entrevistadas me falaram de situações que eu não havia presenciado nas três comunidades que havia visitado. Por isso, achei que seria importante conhecer as favelas urbanas e saber como é a construção quando ela acontece durante um fim de semana apenas.

Participei da construção realizada no último fim de semana de setembro em seis favelas: Projecta, em Guarulhos, Velosinho e Tribo, em Carapicuíba, Tekoa Pyau, aldeia indígena localizada ao lado da rodovia Bandeirantes, em São Paulo, Portelinha e Jardim Ipanema, também em São Paulo. Dessa vez, tentei acompanhar a construção como imprensa, sem ajudar a fazer as casas. Porém, a diretoria de comunicação da ONG me ofereceu uma alternativa que seria ainda mais proveitosa: acompanhar a os voluntários que cobririam a atividade para as redes sociais. A equipe passou por todas as casas das seis comunidades para fotografar os voluntários e as famílias construindo. Isso me permitiu ver as

diferenças entre cada um dos locais e, principalmente, situações mais chocantes de extrema pobreza como a grande quantidade de barracos muito próximos uns dos outros, a convivência constante dos moradores com o lixo, esgoto, ratos e baratas, a carência de infraestrutura, o abuso de álcool e drogas.

Na Projecta, aproveitei para entrevistar uma moradora cuja casa havia sido construída em 2009. Ao contrário da Anita Garibaldi, porém, o Teto estava construindo ali novamente para retomar o trabalho com aqueles moradores. Nesta mesma comunidade, havia uma moradora cuja casa havia sido construída pelo Teto em 2010, mas, devido a sua debilidade, decidiu-se que fosse feita uma nova moradia para sua família na atividade de setembro. Fiquei muito interessada em entrevistá-la, pois havia ali um exemplo claro de que a casa durava pouco tempo e as condições de vida da família não haviam mudado em quase nada desde a última construção. No entanto, recuei ao perceber e ser informada de que a moradora tinha problemas de depressão e autoestima e que, por causa disso, quase havia desistido da construção da casa diversas vezes. Considerei que a minha intervenção poderia ser prejudicial à moradora e que havia como abordar o fato de outra forma na reportagem.

Além de fazer o registro fotográfico, participar desta última construção foi essencial para compreender melhor

algumas declarações das fontes e para conhecer mais da vida na favela. Acredito que o ideal para fazer esta reportagem, se houvesse tempo, seria usar como fontes os moradores das comunidades da Grande São Paulo, pois ali é maior o número de pessoas que vivem em uma situação de pobreza ainda mais preocupante. No entanto, as situações de precariedade habitacional e de falta de infraestrutura básica são comuns aos moradores das favelas tanto na capital quanto no interior. Concluí que falando dos trabalhos realizados em cidades fora da região metropolitana de São Paulo, eu poderia explicar normalmente do trabalho da ONG e abordar, ainda, outro ponto importante na sua atuação, que é a sua expansão para outras cidades fora da região metropolitana.

Em Florianópolis, ao começar a redação dos textos, percebi que me faltavam algumas informações importantes sobre a implantação da ONG no Brasil. Por esse motivo, realizei mais duas entrevistas por Skype com o chileno Alvaro Rodríguez Rojas, que atualmente mora na Suíça, e o arquiteto Marcelo Pavan, de São Paulo. A utilização desse recurso foi de grande proveito para a reportagem e acredito que deva ser valorizada cada vez mais pelos jornalistas, pois permite chamadas em vídeo gratuitas para qualquer parte do mundo. Isso reduz os custos com ligações telefônicas além de possibilitar o contato visual com a outra pessoa.

As entrevistas foram gravadas em áudio com o consentimento das fontes. Optei por esse recurso para não perder nenhuma informação dada pela fonte e para ser precisa nas citações. Gravar a entrevista também permitiria conversar de forma mais natural com elas. No entanto, a desvantagem da gravação foi o tempo gasto para transcrever todos os áudios. Ao todo, foram 26 entrevistas, que variaram de dez a 90 minutos de duração.

2.2. ESTRUTURAÇÃO DA REPORTAGEM

Diante das informações coletadas, precisava organizar o conteúdo de modo que ficasse claro e interessante para o leitor. Para isso, a orientadora recomendou que fizesse um abre introduzindo o tema de modo geral e que, nas retrancas, aprofundasse os aspectos específicos do assunto. Optei por fazer um esquema de reportagem cronológico que, junto com o dialético, é um dos mais comuns (SODRÉ, 1986, P. 58). Dessa forma, na abertura e nas quatro retrancas que se seguem, o leitor acompanha a situação de uma comunidade desde antes da intervenção do Teto até a sua partida.

O conteúdo da apuração foi dividido entre as retrancas da seguinte maneira: no abre, apresento e contextualizo a condição de moradia precária e pobreza no estado de São Paulo. Em seguida, falo do trabalho do Teto de modo geral

para depois aprofundá-lo nas outras partes do texto. Assim, na primeira retranscrição abordo o surgimento da ONG no Chile, a sua implantação no Brasil em 2006 e o modelo de intervenção nas comunidades. Na segunda retranscrição, explico como ocorre uma construção, a função de cada um dos voluntários da organização durante a atividade e as impressões dos moradores e jovens sobre a casa e o convívio entre eles.

A terceira e quarta retranscrições são destinadas a apresentar e discutir os alcances e limitações do trabalho da ONG nos seus dois objetivos principais: a formação da consciência social do voluntário e a superação da condição de extrema pobreza. Dessa forma, na terceira retranscrição, o leitor conhece as atividades de formações realizadas durante a construção, o motivo de o Teto trabalhar com voluntários de 18 a 30 anos, a parceria da ONG com escolas secundárias, a influência da atividade na formação pessoal e profissional de alguns voluntários e também, a opinião de jovens que desistiram de participar da ONG por discordar de algumas de suas atuações.

Na última retranscrição, conto a história de moradores da Projecta, em Guarulhos, como forma de analisar qual foi o impacto da casa do Teto na vida deles. Em seguida, explico a fase da habilitação social, que começou a ser implantado este ano na Vila Nova Esperança. Este trabalho consiste no

acompanhamento da comunidade e na busca de solução para os problemas que vão além da moradia precária. Por fim, retomo o Assentamento Menezes, explicando como está a vida na comunidade após quatro meses de intervenção do Teto.

Para concluir a reportagem, falo da expansão do trabalho da ONG no Brasil e do aprimoramento do seu modelo de trabalho a fim de aproximar-se cada vez mais do ideal de superação da pobreza.

2.3. REDAÇÃO E EDIÇÃO

A redação da reportagem foi feita ao longo de um mês. Ao terminar uma das retransmissões, enviava por email para a orientadora que corrigia o texto e dava sugestões para o aprimoramento. Depois de escritas as cinco partes da reportagem, ela leu o texto completo impresso e assinalou outros erros e contradições da reportagem. A partir de então, começamos a observar onde o texto poderia ser reduzido e melhorado.

Procurei escrever uma reportagem narrativo-dissertativa que, de acordo com Oswaldo Coimbra, mescla trechos desses dois estilos, definidos como: "o dissertativo – organizado em torno de afirmações generalizantes (...) seguidas de comprovação e fundamentação, através das quais

se explicita um raciocínio, e outro – o narrativo – que recria a realidade como se os fatos estivessem ocorrendo ante os olhos do leitor" (COIMBRA, 1993, p. 82).

Busquei no livro "Técnica de Reportagem" algumas sugestões de abertura e outros recursos narrativos e tentei incorporá-los no texto. Dessa forma, na abertura do texto eu conto a história da família num dia de chuva, tentando realçar a visão, que consistiria num texto mais descritivo. (SODRÉ, 1986, p. 68). Na terceira retranscrição, utilizei o realce da audição ao começar o texto com falas dos voluntários ditas durante uma atividade formativa.

Também recorri à obra "Comunicação em prosa moderna" de Othon M. Garcia, para saber como estruturar melhor um parágrafo e como organizar as informações nas passagens descritivas, narrativas e argumentativas. Para esta reportagem, consultei principalmente a terceira e sétima partes, sobre parágrafo e planejamento, respectivamente.

O livro "Tempo de Reportagem", de Audálio Dantas, é outra obra que foi relevante para pensar o texto por conter duas reportagens que falavam sobre a vida na favela, que são "Diário de uma favelada" e "Joaquim Salário-Mínimo". A primeira reportagem me levou a ler, também, o livro "Quarto de despejo", que trata-se da publicação do diário citado na matéria. Já a segunda, foi uma referência que tomei para

escrever sobre as condições de vida em situação precária em alguns trechos do trabalho.

Outra obra na qual me apoiei para escrever esta reportagem foi o artigo de Leila Guerriero intitulado "Qué es y qué no es el periodismo literario: más allá del adjetivo perfecto." Logo nos primeiros parágrafos, Guerriero fala sobre como esta forma de jornalismo é, antes de tudo, a certeza de que não dá no mesmo contar a história de qualquer forma. As cenas e as ações dos personagens fazem a diferença para que o leitor sinta o entusiasmo, a vida existente por trás daquelas palavras. A minha intenção era escrever um texto que estivesse nesses moldes, e o desafio era como fazê-lo.

Vi-me diante de muitas informações sobre o processo de trabalho da ONG, que deveria ser relatado, mas que eu não gostaria que fosse feito de uma forma enfadonha ou cansativa. Por outro lado, ao escrever as partes narrativas, comecei a rever o meu processo de apuração. Como não pude presenciar todas as cenas e histórias que as fontes me contaram, senti necessidade de ter perguntado detalhes sobre os processos, os sentimentos, pensamentos que tiveram. Ao preparar a entrevista, previ perguntas que levassem as fontes a explicar esses detalhes. Porém, se durante a conversa as respostas dadas pareciam suficientes, ao escrever vi que seria melhor se tivesse ainda mais informações. No fim, trabalhei

com as informações que eu tinha de maneira o mais fiel possível ao que relataram as fontes.

Muitas das entrevistas que fiz durante o processo de apuração ficaram de fora do texto final. Um exemplo é o relato de dois moradores da comunidade Anita Garibaldi, em Guarulhos. Previ apresentar essas informações na quarta retransmissão, na qual falo sobre a mudança na vida dos moradores após a intervenção do Teto. No entanto, percebi que as histórias das fontes, no que se refere ao tempo vivido na casa do Teto, se assemelhavam em vários aspectos. Por isso, optei por utilizar somente o relato de Ivone de Moraes Leite, moradora da Projecta, em Guarulhos.

Ainda que nem algumas fontes tenham aparecido no texto final, todas as entrevistas foram importantes para conhecer a fundo o trabalho da organização e para confirmar as informações.

3. APRENDIZADO

Produzir esta reportagem foi de grande aprendizado, tanto profissional quanto pessoal, em todas as etapas. Planejar a reportagem e pensar em uma estrutura antes de falar com as fontes foi muito importante para o processo de apuração. Durante as entrevistas, eu já tinha em mente qual seria a participação daquelas pessoas na reportagem e isso

facilitou para que eu formulasse as perguntas e tentasse visualizar no texto as respostas que elas davam.

No processo de apuração, pude praticar técnicas de entrevista que já utilizava e outras novas, como o uso do gravador e as entrevistas por Skype. Outro exercício importante foi a realização do registro fotográfico. Tive dificuldade em tirar fotos de qualidade e que representassem todas as etapas do processo descrito no texto. A necessidade de deslocar-me em cidades desconhecidas para realizar as entrevistas também foi um aprendizado.

Quanto à redação do texto, acredito que a experiência de escrever uma reportagem de 57 mil caracteres foi bem aproveitada. Este trabalho é muito mais extenso do que os realizados em outras disciplinas da graduação, com o qual eu aprendi a pensar na organização de uma grande reportagem e a conscientizar-me de cada uma de suas partes.

Poder ter uma orientação sobre o trabalho foi importante para encontrar a melhor forma de tratar este tema e manter-me na estrutura planejada. Recebi recomendações sobre a organização do conteúdo que foram essenciais para trabalhar com as informações coletadas. As correções do texto, em si, também me ajudaram a pensar em formas de escrever de maneira mais clara, fluída e atraente. Identifiquei alguns vícios em expressões e repetições de palavras que poderão ser evitados nos próximos trabalhos.

Creio, porém, que o maior aprendizado se deu a partir do tema escolhido para a reportagem, que me permitiu conhecer várias favelas de São Paulo. Em alguns lugares visitados, as condições de vida eram mais hostis do que eu havia imaginado. Também foi chocante ver a quantidade de gente que vive nessa situação. Os dados sobre a população que vive em favelas não são tão impactantes quanto se ver rodeada de casas sem qualquer infraestrutura. Tampouco as fotos mostram o cheiro de lixo misturado com esgoto e a sensação de impotência diante das poucas possibilidades de mudança. Conversei com pessoas que convivem diariamente vários dos problemas existentes do país. Além da habitação e pobreza, elas lidam com a falta de acesso a infraestrutura básica, a educação, saúde, drogas e criminalidade. Acredito que esta experiência teve grande valor formativo para a profissão. Hoje, me sinto mais confiante e motivada a cumprir com o compromisso social do jornalista de abordar e divulgar os problemas sociais existentes no país.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa**. Um curso sobre sua estrutura. 1ed. São Paulo: Ática, 1993.183p.

DANTAS, Audálio. **Tempo de reportagem**. São Paulo: Leya, 2012

GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna**. Aprenda a escrever aprendendo a pensar. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

GUERIERO, Leila. **Qué es y qué no es el periodismo literario**. Disponível em: <<http://www.periodismocultural.es/upload/conferencias/guerriero-que-es-y-que-no-es-periodismo-narrativo.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2013

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010**. Aglomerados subnormais – primeiros resultados, 2011. Disponível em: <<http://loja.ibge.gov.br/censo-demografico-2010-aglomerados-subnormais.html>>. Acesso em: 18 mai. 2013

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 8. ed. Série Sinal Aberto. São Paulo: Ática. 2005.

PEQUENO, Renato. **Políticas habitacionais, favelização e desigualdades sócio-espaciais nas cidades brasileiras: transformações e tendências**. Artigo apresentado no X Colóquio Internacional de Geocrítica, em Barcelona, maio de 2008.

SODRÉ, Muniz, FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.